

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 numeros) 48\$000
SEMESTRE (26) 25\$000

AVULSO 1\$000
Escritorio, Rua Ouvidor 115

A CIGARRA

Redacção de *Olavo Bilac*,

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Editor e proprietario — *Manoel Ribeiro Junior*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 16 de Maio de 1895.

N. 2

A CIGARRA

Quando, na quinta-feira passada, comecei a cantar, houve um reboiço nesta amada cidade.

Entrei pelas redacções dos jornaes, andei de mesa em mesa, acariciada. Disseram-nos cousas tão amaveis, em noticias tão meigas, que a minha voz treme ainda, commovida: as cigarras não são ingratas e duras como as formigas!

Na rua do Ouvidor, pousei sobre o chapéo alto dos homens serios; esvoacei em torno da cabelleira perfumada das senhoras; dansei sobre o ventre dos capitalistas; metti-me em rodas de artistas e de poetas. E o meu grito alto e fino cantou em todos os ouvidos. Creança malcreada, perturbei negocios, desfiz namoros, atrapaihei rendez-vous, apasiguei conflictos, monopolizei a attenção publica. Na Bolsa, interrompi transacções: um corretor, que jogava na baixa, perdeu o negocio porque ouviu o meu canto em vez de ouvir a cotação dos titulos. Na camara, o sr. Glicerio deixou de responder a um aparte do sr. Serzedello, porque me viu pairando sobre a cabeça d'esse joven pae da patria. E os paes de familia, que me compraram para divertimento da sua gente, escandalisaram a cidade, levando-me comsigo nos bonds, porque o meu grito alto e fino, cantando em todos os ouvidos, dominava o tinir das campainhas, o esturpido das patas, o rumor das conversações, e abria, n'aquella humida tarde de chuva, uma nesga de azul e de sol, de alegria e de saude...

Estou satisfeita! Aqui vae, ó publico! aqui vae, ó imprensa! sobre as minhas azas trefegas, polvilhadas de ouro, todo o meu agradecimento, n'um longo beijo, chuchurreado e sincero.



A CIGARRA AGRADECE

O resultado de todo esse successo foi que me esgotaram a edição em tres dias: e—palavra de honra!—a edição não era pequena. Algumas almas incontentaveis escreveram-me cartas chorosas, em que, entre amabilidades e elogios, duas accusações serpeavam, como dois áspides entre rosas. Perguntaram-me: «Porque és tão cara, *Cigarra*? *Cigarra*, porque és tão pequena?» Oh! futilidade humana! essas duas accusações são como nuvens que se desfazem ao mais debil sopro de vento.

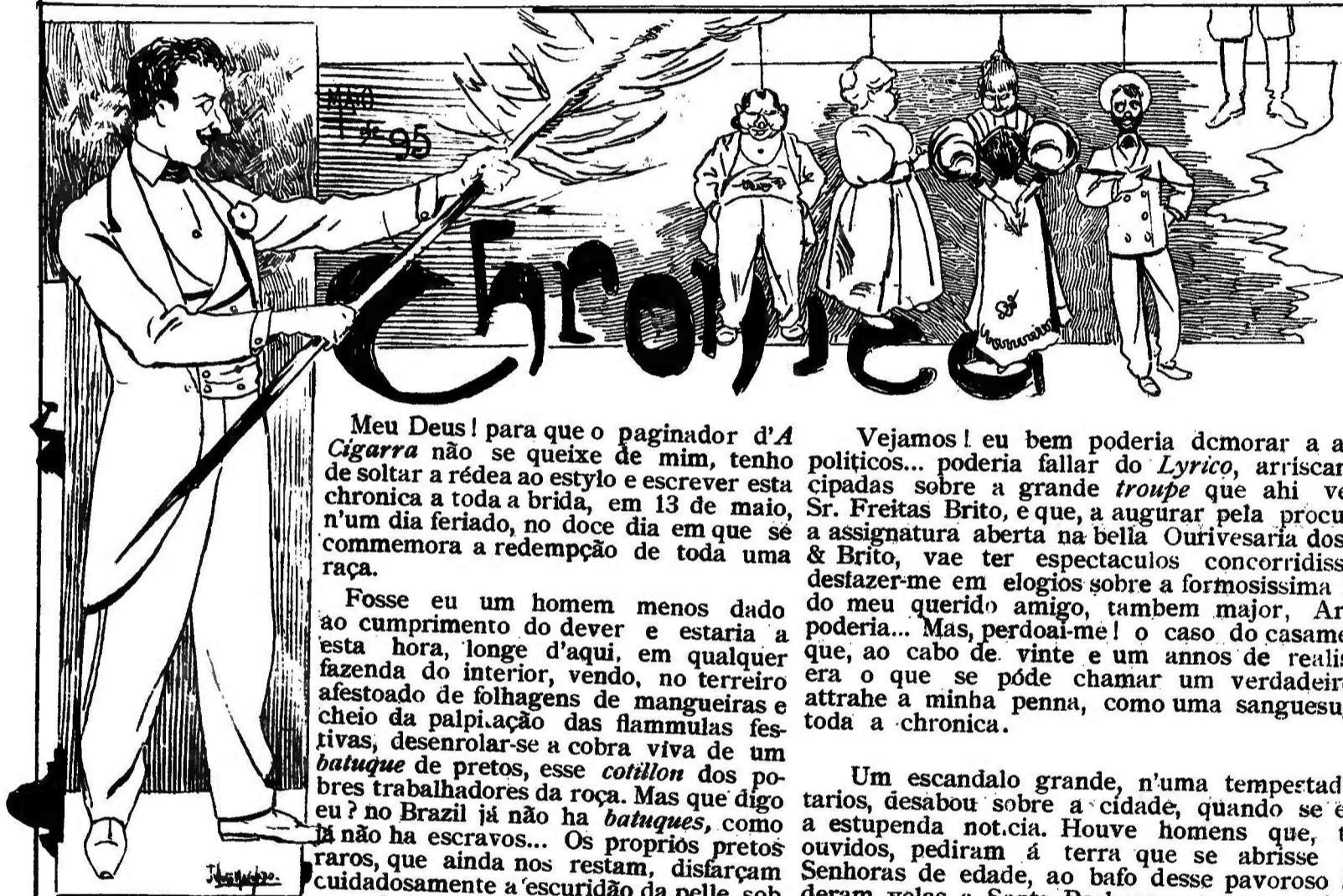
Eu não me dou mais barato, porque só a minha *toilette* engole, como um oceano, rios e rios de dinheiro. Peçam preços modicos a quem usa chitas e cassas réles: eu só me sinto a gosto, quando me envolvo n'estas sumptuosas sedas da

China, n'estas vaporosas vendas de Malines, n'estes cheirosos linhos de Liverpool... Eu sou para quem póde, meus senhores!

Quanto a ser pequena, isso que tem? Sou leve, mas valho o triplo do meu peso em ouro. De resto, o recente processo de nullidade de casamento, de que tanto tem fallado o *Jornal do Brasil*, veio exuberantemente provar (exuberantemente é um adverbio que não diz muito bem com o caso) que o volume muitas vezes engana. Desconfie do volume!

E, ainda uma vez, saíem que vos amo, ó jornaes, que me acolhestes com abraços e phrases doces! ó publico, que me acolheste com beijos e notas de mil réis!

Obrigada! *A Cigarra*



Meu Deus! para que o paginador d'*A Cigarra* não se queixe de mim, tenho de soltar a rédea ao estylo e escrever esta chronica a toda a brida, em 13 de maio, n'um dia feriado, no doce dia em que se commemora a redempção de toda uma raça.

Fosse eu um homem menos dado ao cumprimento do dever e estaria a esta hora, longe d'aqui, em qualquer fazenda do interior, vendo, no terreiro afestado de folhagens de mangueiras e cheio da palpição das flammulas festivas, desenrolar-se a cobra viva de um *batuque* de pretos, esse *cotillon* dos pobres trabalhadores da roça. Mas que digo eu? no Brazil já não ha *batuques*, como já não ha escravos... Os próprios pretos raros, que ainda nos restam, disfarçam cuidadosamente a escuridão da pelle, sob camadas prudentes de pó de arroz. Hoje, as roças estão cheias de allemães rubros, de italianos cabelludos e de chins amarelados. Nos dias de festa, os colonos brancos dansam, ao som de philarmonicas roucas, umas valsas macabras que estão tão longe, ai! de mim! do encanto primitivo e simples do *batuque*, essa melancolica dança barbara, em que os pretos, com os pés nus, sacudidos á cadencia triste do *chique-chique*, esqueciam as amarguras do eito, batendo freneticamente a terra, essa mesma terra em que as suas pobres mãos se magoavam rasgavam, e em que o seu pobre sangue cahia, em borbotões, espirrando á ponta dos chicotes de couro cru!... Não ha mais *batuques*! não ha mais escravos! e é mesmo de crer que em nenhuma fazenda se commemore o Treze de Maio, porque, em geral, os fazendeiros ainda não perdoaram a essa data a perda do commercio negro, que ella lhes causou.

E, se não ha mais *batuques*, consola-te, alma afflicta de chronista! não lucrarias muito com um passeio ás fazendas, e melhor é que passes este dia de gloria nacional entregue a meditações graves.

Vejamos! eu bem poderia demorar a attenção em casos politicos... poderia fallar do *Lyrice*, arriscando criticas anticipadas sobre a grande *troupe* que ahi vem, trazida pelo Sr. Freitas Brito, e que, a augurar pela procura que tem tido a assignatura aberta na bella Ourivesaria dos bellos Couceiro & Brito, vae ter espectaculos concorridissimos... poderia desfazer-me em elogios sobre a formosissima revista *O Major* do meu querido amigo, tambem major, Arthur Azevedo, poderia... Mas, perdoai-me! o caso do casamento escandaloso, que, ao cabo de vinte e um annos de realisado, ainda não era o que se póde chamar um verdadeiro casamento,—attrahe a minha penna, como uma sanguessuga, chupando-me toda a chronica.

Um escandalo grande, n'uma tempestade de commentarios, desabou sobre a cidade, quando se espalhou por ella a estupenda noticia. Houve homens que, tapando olhos e ouvidos, pediram á terra que se abrisse para engolilos. Senhoras de idade, ao bafo desse pavoroso successo, acenderam velas a Santa Barbara, e tremeram longamente, como arvores ao sopro de um tufão.

Um juriconsulto do meu conhecimento ponderou: — «é preciso reformar o processo do matrimonio! ninguem compre vinho sem primeiro proval-o!» E consta-me que o Dr. Viveiros de Castro, com um gesto largo de desespero, bradou: «O manes de Lacassagne e de Ferri! porque não demorei eu mais um pouco a publicação dos meus *Attentados ao pudor*?!»

Reflectindo bem sobre o caso, com o escrupulo e a attenção que me merecem estes complicados problemas sociaes, acho que não ha razão para tanto barulho. De que se queixa esta senhora, ó povos alarmados?! Destrinchemos a questão...

Houve um tempo em que a fortuna me sorriu. Vi-me senhor de um pequeno capital (não se espantem!) e entreguei-o a um homem habil, pedindo-lhe que o fizesse render. Ao cabo de tres annos, não achei mais nem o rendimento, nem o capital, nem o homem. Foi então que (isto é a pura verdade, almas incredulas!) vendo-me pobre, dediquei-me a este ignobil officio de escrever chronicas. Claro é que tenho o direito de me queixar do depositario infel, não é assim?

Mas a senhora, que é um dos principaes personagens d'este drama domestico, não está nas mesmas condições. Unindo-se a um homem sério, entregou-lhe o seu capital. Ao cabo de vinte e um annos, o homem, com uma lealdade que não teve o meu depositario, entrega-lhe o capital, intacto e perfeito, tão intacto e tão perfeito como quando o recebeu, á face de Deus e dos homens... De que se queixa a senhora?

Não se póde queixar de não receber juros, porque, quando entregou o capital ao depositario, não lhe pediu que o fizesse vender... De que se queixa então?

Diz-me-hão talvez que sophismo, e que esse capital é um d'aquelles, que a gente tem muito gosto em perder. Mas, perdão! eu, philantropo e philosopho, não posso admittir que se ponham capitaes pela janella fóra. Nomeiem-me já um curador para essa perdularia senhora! O Estado é o tutor nato dos menores e dos loucos. Como? tolerar-se-á que, com a sua queixa, uma senhora abra tão deploravel precedente?

De que se queixa esta senhora, ó povos alarmados?! queixa-se de ter posto o seu capital em uma caixa economica, e de o receber sem alteração, tendo-o durante annos reservado dos varios perigos que, em geral, correm os capitaes d'esse genero — perigos serios, como o de incendio, o de extravio, e mesmo o de arrombamento! Que necessidade!

Decididamente, o mundo anda de pernas para o ar! Volto á minha idéa primeira: porque não fui passar este dia na roça? Na roça, ao menos, as almas são simples e os costumes são claros... Não se veem por lá estas complicações...

Fantasia



(FRAGMENTO INEDITO)

Os belluarios, tintos de sangue, talhavam rezes diante dos curros das feras, cavados nas rochas e defendidos por uma grade forte de varões de ferro; quando os eunuchos appareceram trazendo, quasi de rastros, Tamat que chorava supplicante e medrosa.

Os tigres iam e vinham com rugidos soturnos; os leões sentados, olhavam sobranceiramente escancarando a bocca immensa e vermelha em bocejos nervosos; as hyenas, agachadas, passando as patas por entre os varões, uivavam de vez em vez, o pello hispido, os olhos fuzilantes.

Com o apparecimento inesperado dos eunuchos, os belluarios, abandonando as facas sobre as lages ensanguentadas, deixaram, por instantes, o serviço, curiosos do espectáculo que lhes offereciam os escravos sanhudos que arremettiam arrastando a concubina quasi desfallecida. Como ainda não houvesse grande claridade, dois d'elles levantavam brandões, e as largas espadas que traziam relampejavam á luz vermelha dos fachos resinosos. Mudos, como eram, avançaram para os belluarios mostrando a escrava, e logo apontando as jaulas onde as feras esperavam o repasto da manhã.

— Piedade! Piedade! implorava Tamat, de rojo, agarrando-se ás pernas dos eunuchos que insistiam, grugulhando, para que os belluarios a tomassem.

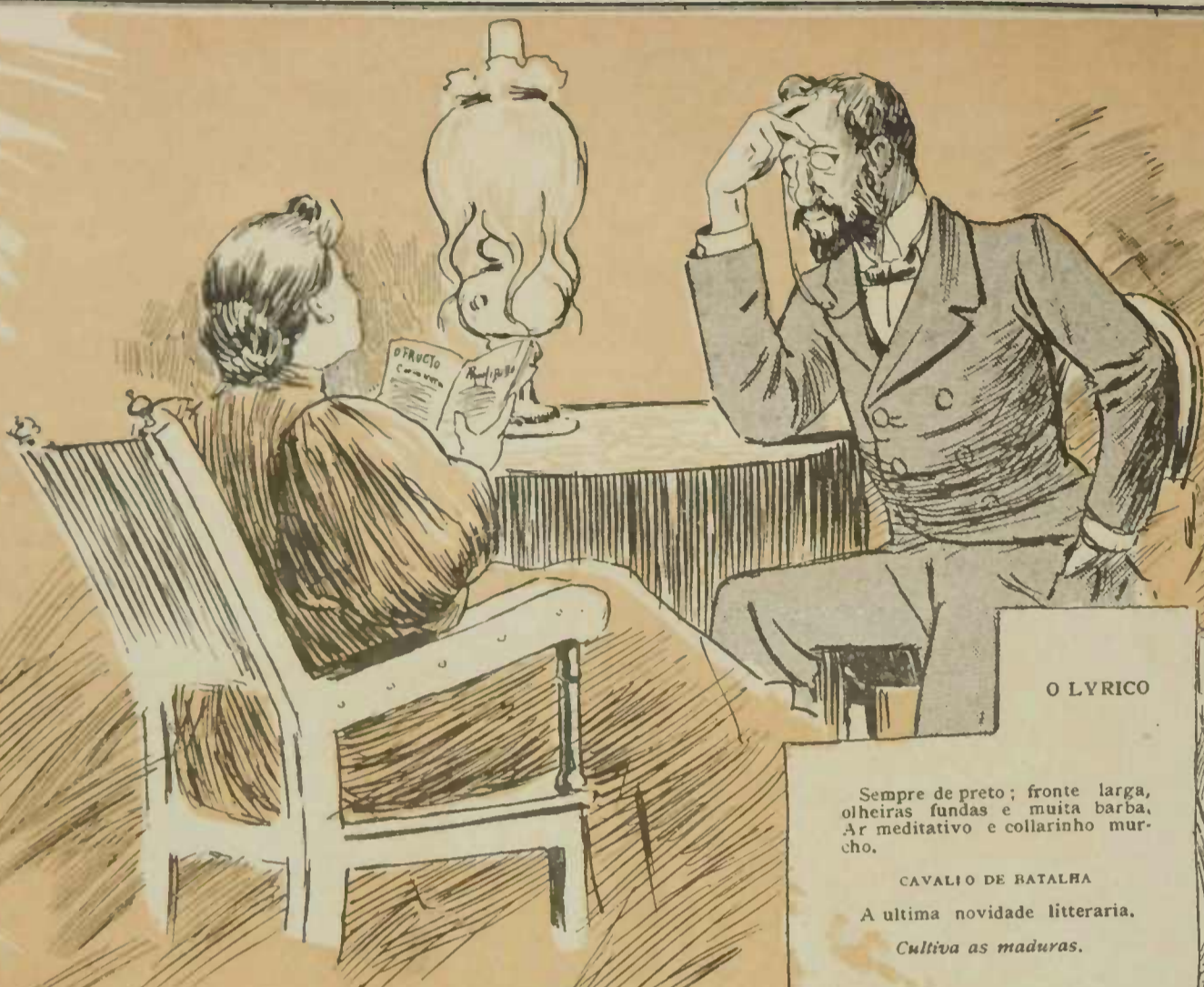
— Para as feras? indagou um d'elles, negro da Ethiopia, alto e forte, limpando ao biceps do braço nú a lamina da faca de carnear. E os eunuchos acenavam com as cabeças, com alegria frenetica de canibae, apontando as jaulas. O ethiope voltou-se para os companheiros com um sorriso mau e todos olhavam; alguns, menos crueis, pareciam commovidos, contemplando a nudez virginal da moça egypcia: mas os eunuchos insistiam com regougos e gestos, para que se cumprisse a ordem do sacerdote, e o negro tranquillamente, friamente adiantou-se, espetando a faca no dorso de um novilho morto, de cujo ventre aberto, sanguineo, pendiam os intestinos e a fressura, e tomou nos braços alentados o corpo fragil de Tamat. A escrava, soluçando, beijava-o para commovel-o; agarrou-se-lhe fortemente ao pescoço e o negro teve um momento de indecisão sentindo o contacto da pequenina bocca na pelle aspera do seu rosto; mas os eunuchos, freneticos, agitando os braços, excitavam-no; e o belluario caminhou para a jaula que lhe ficava fronteira, onde um casal de leões, em aconchego de amor, dormia ainda. Dois belluarios, armados de lanças, avançaram para junto da jaula, enquanto um outro fazia correr o fecho da pesada porta de ferro. Os animaes, ao fundo, mal descerravam as palpebras.

Houve um grande silencio, os proprios eunuchos desabridos aquietaram-se. Tamat, nos braços do ethiope, rolava os olhos cheios de afflicção e seus gritos repercutiam agudamente, agitava-se, esperneava, e foi necessario que mais um homem avançasse, tomando-lhe os pulsos frageis, para que o

ethiope, agarrando-a pela cinta, a introduzisse na jaula violentamente. E a porta cahiu pesadamente, com estrondo. Belluarios e eunuchos esperavam em silencio. Tamat ergueu-se vivamente, lançou um derradeiro olhar aos homens, e atirando-se para as grades da jaula forçou-as, com raiva. Subitamente, como se sentisse as feras, voltou-se, e, de costas, agarrou-se aos varões; as suas mãos pequenas, de vez em quando, desprendiam-se, mas logo procuravam os ferros, incertas, tremulas, tacteando. Ouvia-se-lhe o bater precipite dos dentes.

Os animaes, como se estranhassem aquelle desusado espectáculo, deitados, immoveis, olhavam a escrava. Vio-se-lhe o peito ondular, e toda ella tremia a ponto de se lhe dobrarem as pernas de instante a instante; e, de costas como estava, os braços abertos sobre as grades, parecia uma crucificada. Por fim o leão ergueu-se; os eunuchos ulularam, vendo-o esticar-se preguiçosamente, corcovear o dorso liso, bocejar com rugido surdo, e d'olhos altos, fitos na escrava, caminhar com lentidão. Tamat, como se quizesse guindar-se, esforçava-se por suspender o corpo e chorava, um choro tremulo, dizendo por entre o choro, como se falasse a homens: "Não! Não! Não!" E o leão, vagaroso, farejando, avançava. Alcançou as grades e esteve indifferente a olhar, ao longe, a verdura do parque; por fim levantou os olhos e ficou a contemplar o corpo lindo. Tamat tremia convulsivamente, em estrebuchos. A fera deitou-se, pousando a enorme cabeça entre as patas: mas a leoa, como enciumada, rasteira e perfida desencantou-se, e saltou por cima do macho estacando, encolhida, diante de Tamat, que soltou um grito agudissimo. O leão poz-se de pé e fez frente á feméa, defendendo a presa. As duas feras mediram-se e os olhos fulvo de ambas elevaram-se para o corpo da victima; mas a leoa esgueirou-se agachada, o rabo de rastro, e passou, rugindo, acorçando-se adiante, arrepiada, rugindo, os olhos em Tamat, como se visse n'ella uma rival.

O leão voltou-se ostensivamente, levantou uma pata e, n'um galão, poz-se de pé, agarrando as grades, juntando o seu corpo doirado ao corpo intacto da escrava como n'um connubio. A leoa, d'um salto, atirou-se á anca do leão e n'outro salto fugiu; e houve, no mesmo instante, um grito forte e rapido, e o corpo de Tamat debateu-se um momento. Desprenderam-se-lhe os braços e um jorro de sangue escorreu pelo peito louro do leão, que baixava, levando o corpo molle entre as presas. A leoa aproximou-se de rastro e as duas feras, enquanto os eunuchos saltavam grugulhando, n'uma alegria barbara, deitaram-se—o leão com o corpo frio entre as patas, rosnando, e rosnando tambem a leoa, em frente. Por fim o leão, como se raspasse, rasgou com a pata o ventre virgem e, levantando a cabeça, rugiu victoriosamente; a leoa, vendo-o d'olhos altos, abocanhou a gorja e



O VENTUROSO
 Foi solidario, hoje é comunalitario. Brilhantes no peito, brilhantes sobre o ventre, brilhantes nos punhos, brilhantes nos dedos... Carteira recheada e laral, cerebro vazio e difficil.

CAVALLO DE BATALHA
 Dinheiro, dinheiro, dinheiro, Cultiva a casa de pensão.

O LYRICO

Sempre de preto; fronte larga, olheiras fundas e muita barba. Ar meditativo e collarinho murcho.

CAVALLO DE BATALHA
 A ultima novidade litteraria.
 Cultiva as maduras.



O MUNDANO

Correcto no fato. Muito viajado e possuidor de meia duzia de phrases.—duas em francez, duas em inglez, uma em allemão e outra nacional.

CAVALLO DE BATALHA
 A walsa a tres tempos e a descripção do Bois de Boulogne.
 Cultiva o dote.



AVRRA
 APRA
 PARA...
 (COMO ELLES SEDUZEM)

PROSO

commanditario. Brilantes sobre o ventre, brilhantes nos dedos... eil, cerebro vasio e

CAVALLO DE BATALHA

o, dinheiro, dinheiro, casa de pensão.



O TENOR DE BALCÃO

O seu maior desgosto é não ter nascido com voz para o teatro. Ai, o Pimpini no Fausto! Como elle recorda com admiração e com inveja o Pimpini. Mas canta ao balcão e orgulha-se da sua labia.

CAVALLO DE BATALHA

A alvura dos dentes (diante das frequezas ri de tudo) e a languidez do olhar quando lhes pergunta: e tudo quanto deseja? Não quer ver as meias de seda? Temos um sortimento completo de estofos para o inverno. Nem espartilhos? Despachamos hoje uma caixa com ligas d'um gosto inteiramente novo...

Cultiva a... hypothese.



O SERIO

Os seus negocios dão-lhe um ar d'um homeni preocupado—dizem uns, outros dizem que o seu ar preocupado lhe dá um ar de homem de negocios —(que entretanto o impõe ás bailarinas do Lyrico). Só canta no inverno.

CAVALLO DE BATALHA

Uma companhia que vae fundar para exploração do Pão d'Assucar. Palavras, palavras, palavras...

Cultiva os maillots.

NIAOVAGADO

AVRA
For dada ao
HOMEM
ARA...
"CANTAR"

EM)

COMO ELLE

n'um safanão separou do tronco a formosa cabeça da concubina egypcia.

Os eunuchos urravam e os belluarios, afiando as facas nos bordos das lages, voltaram a talhar as rezes, emquanto as feras trincavam tranquillamente.

Das torres longinquoas vinham os toques matinaes da annunciação de Osiris.

Coelho Netto

A POLITICA



E foi um dia, um homem enfermo. Soffria principalmente de anemia. Faltava-lhe sangue: (no caso a que vae ser applicado este apologo, sangue quer dizer dinheiro.) Tinha perdido sangue demais, o desgraçado: não só porque os fuzilamentos e os degolamentos lh'o haviam abundantemente extrahido pelas boccas das feridas, como porque as emissões, claras ou clandestinas, lhe haviam applicado processos novos de phlebotomias violentas. E o homem, pallido e exsangue, já com as pupillas perdidas na contemplação da morte, agonisava.

E como o estado do homem fosse realmente grave, a familia, vendo-o ás portas da morte, reuniu, para salvá-lo, um conclave de mais de duzentos medicos (nova observação: no caso a que se vae applicar este apologo, medico quer dizer deputado.)

Reuniram-se os medicos. E olhem que não foi sem difficuldade! porque, antes que elles se achassem em numero sufficiente para o inicio das deliberações, muitos dias correram: e o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava; e a familia intervinha, sollicita: «doutores! não acham que se deve chamar um padre para confessar o doente?» Mas os doutores, muito dignos, retorquiam: «esperem! ainda não temos numero para deliberar!» Por fim, sempre se arranjou numero: e o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava. Arranjou-se numero: mas arranjar numero não era nada! arranjar um presidente é que era tudo! Sim! porque uma commissão de mais de duzentos medicos não podia medicar um doente, sem que um director-geral, fiel da balança consultiva, se encarregasse de manter a ordem da conferencia e dar homogeneidade aos debates clinicos! E o homem, pallido e exsangue, já com as pupillas perdidas na contemplação da morte, agonisava...

Começaram então a arranjar um presidente.

— Proponho fulano! bradou o deputado... perdão!—bradou o medico X.—Não pôde ser! clamou o medico Y.—E' uma provocação! berrou o medico Z.—E os fuzilamentos do Paraná? estridulou o medico N.—E a anti-diphtheria do dr. Roux? bramiu o medico M.—E os clysteres de Clertan? reclamou o medico O.—E o homem, pallido e exsangue, já com as pupillas perdidas na contemplação da morte, agonisava...

E a familia a chorar! «Senhores! olhem que o homem morre! dêem-lhe remedio, com presidente ou sem presidente, mas dêem-lhe remedio!» E os medicos, olhando as senhoras que se desfazião em lagrimas: «não pôde ser, minhas senhoras! não pôde ser, minhas senhoras! tudo, menos isso! que morra o doente! mas que se eleja o presidente! nós fazemos questão de ter um presidente! sem presidente não ha cura possivel!» E o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava. E a discussão continuava. Agora, palavras asperas ferviam, trocavam-se doestos grossos.

Todos queriam um presidente: mas cada um queria o seu... E o homem, pallido e exsangue, com as pupillas já perdidas na contemplação da morte, agonisava...

E' possivel que algum mal-intencionado queira applicar este apologo á camara dos deputados, que, chamada a salvar o Brasil moribundo, antes de lhe receitar qualquer cousa, perdeu uma semana inteira a brigar para saber que homem teria de presidir o tratamento...

Protesto desde já! São calumnias! todo o mundo sabe que *A Cigarra* não faz politica!

LF



Creio que não ha muita gente da minha opinião. Não gosto de lyrico barato: eu abominaria o *paté-de-foie-gras*, se elle, em vez de custar os olhos da cara ao consumidor, estivesse ao alcance de todos os estomagos economicos. Bem sei que muitas vezes uma companhia me pôde dar por tres contos de réis musica peor do que a que, por trescentos mil réis, me daria outra qualquer. Mas, tenho isto na massa do sangue: gosto de gastar dinheiro. Entre um máo tenor que canta á razão de cincoenta mil réis por nota e um bom tenor que se estrompa toda uma noite a cantar de graça,—prefiro, sem hesitar, o primeiro, tal é o poder de seducção do ouro. Depois, ha muita gente que, sob o pretexto de que uma companhia é barata, se permite a semcerimonia de ir ouvir a *Gioconda* ou o *Fausto*, em veston e calça clara... Shoking!

Venha, pois, a troupe de Freitas Brito. Venham as noites elegantes constelladas de adereços fabulosos, de *toilettes* millionarias. O dinheiro fez-se para ser gasto. E nós, brazileiros temos a especialidade de descobrir e inventar dinheiro; e invental-o emos e descobril-o-emos, mesmo quando o cambio desça a 0,—delicioso futuro, que, segundo o deputado Erico, já vem perto. Venha a troupe Freitas Reis, e o diabo leve quem chora miseria!



O *Major*... Seria ridiculo vir eu agpra, dizer o que é a nova revista do meu bello Arthur, quando todo o Rio de Janeiro já foi applaudil-a. Arthur dá a tudo quanto faz representar (mesmo quando se trata de uma bambochata) um cunho litterario. D'ahi vem o facto singularissimo de se juntarem, a applaudir-lhe as revistas de anno, o chato publico brutalhão que ama as pernas finas e as chalaças grossas, e o publico delicado que ama os bellos versos.

No *Major*, por exemplo, ha scenas feitas, é verdade, de proposito, para o mesmo publico que delira com as graças do autor Machado e com as cantigas da actriz Pepa. Mas, ouçam-me aquelle prologo! ouçam-me aquelle prologo! e digam-me se da cabeça de muitos poetas podem sahir aquelles versos faceis, expontaneos, de uma sobriedade deliciosa, mas trabalhados com um esmero de forma genuinamente parnasiana..

Tambem,—isto é um jornal que não tem medo de dizer o que pensa: *A Cigarra* é um insecto de uma franqueza a toda a prova;—tambem, as revistas que por ahi apparecem, de outros auctores, são massudas como um discurso politico ou tolas como litteratura de collegio.

Victorioso Arthur! deixa que *A Cigarra*, acariciando-te a bella face com as suas azas amigas, te entorne dentro do ouvido tres beijos chilreados e alegres...

Puck.



A Cigarra tem o dever de confessar a sua gratidão a todas as amaveis pessoas, que vieram ao seu escriptorio deixar cartões de visita e de cumprimentos. E deve ainda agradecer publicamente os esforços, não só do habilissimo Sr. Porta, chefe lithographo, como de todo o corpo typographico das acreditadas *Officinas gráficas Bevilacqua*, esforços a que o primeiro numero do jornal deveu em grande parte o seu brilho.

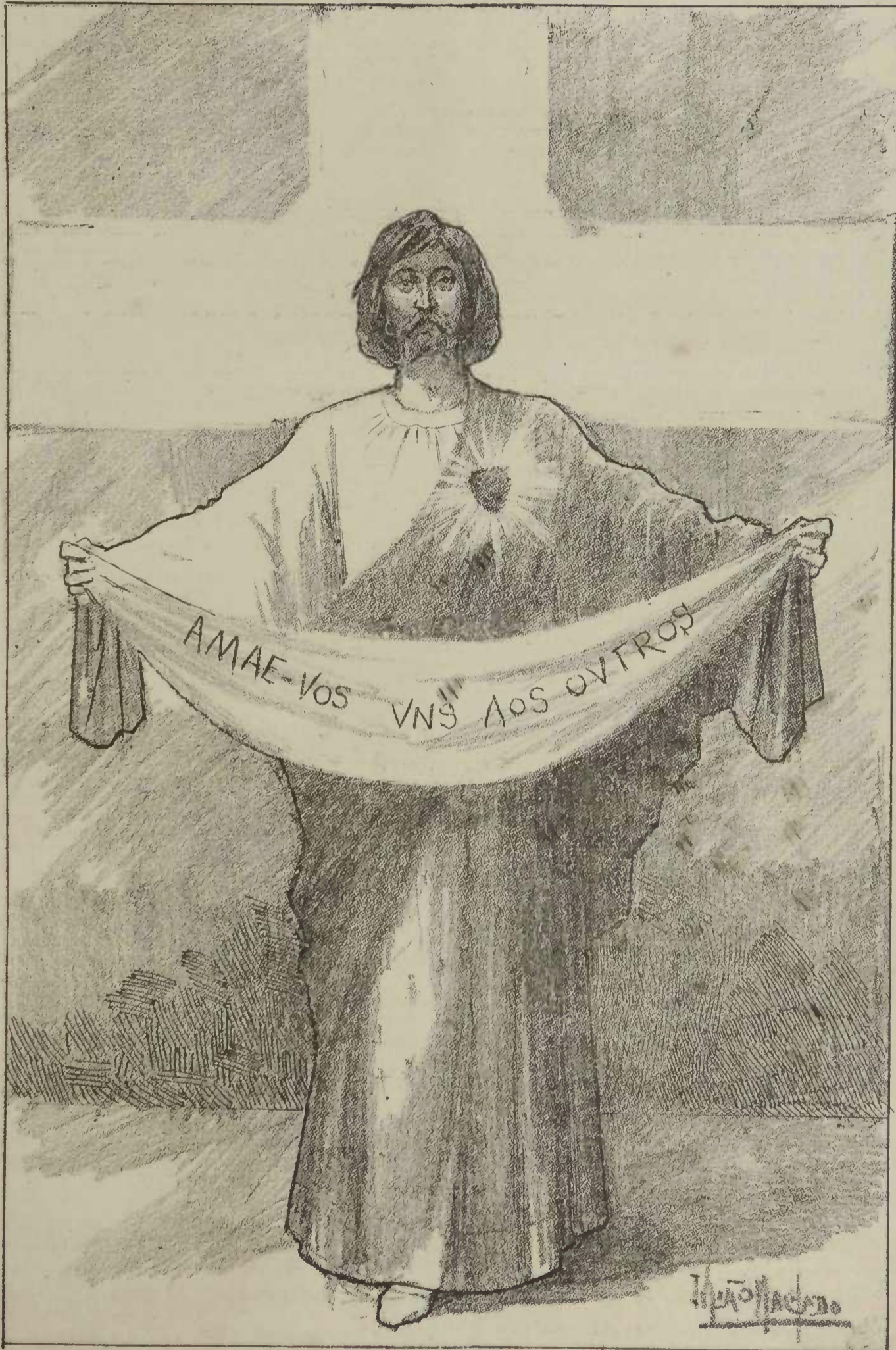
A Cigarra no seu proximo numero (n. 3) publicará uma pagin inedita de **Lulú Senior (FERREIRA DE ARAUJO)** com desenhos de **Jullião Machado**.

A pagina central do proximo numero:

A PSYCHOLOGIA DAS BOTAS

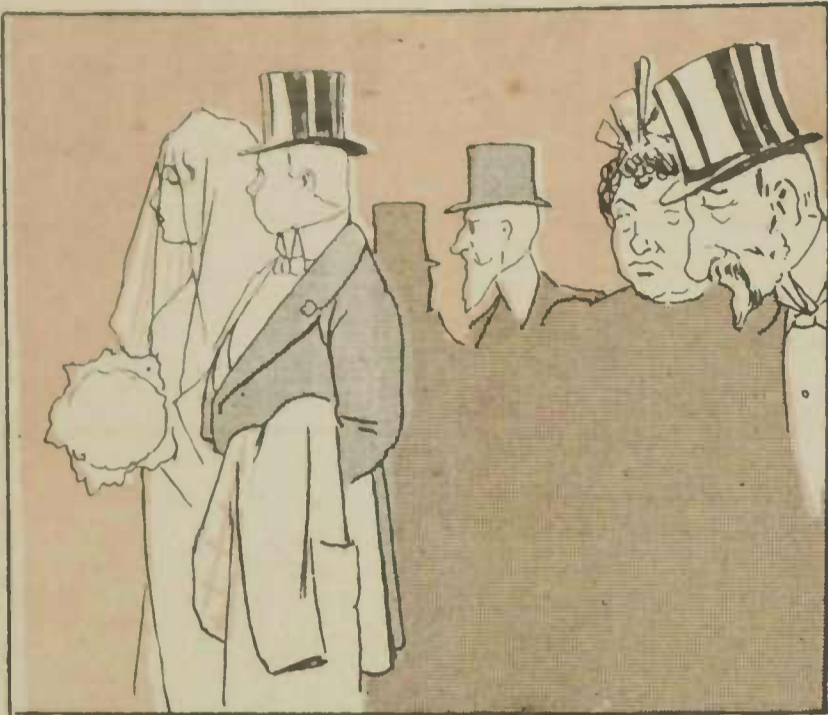
13 DE MAIO

PARA O GRANDE JORNALISTA JOSÉ DO
PATROCÍNIO

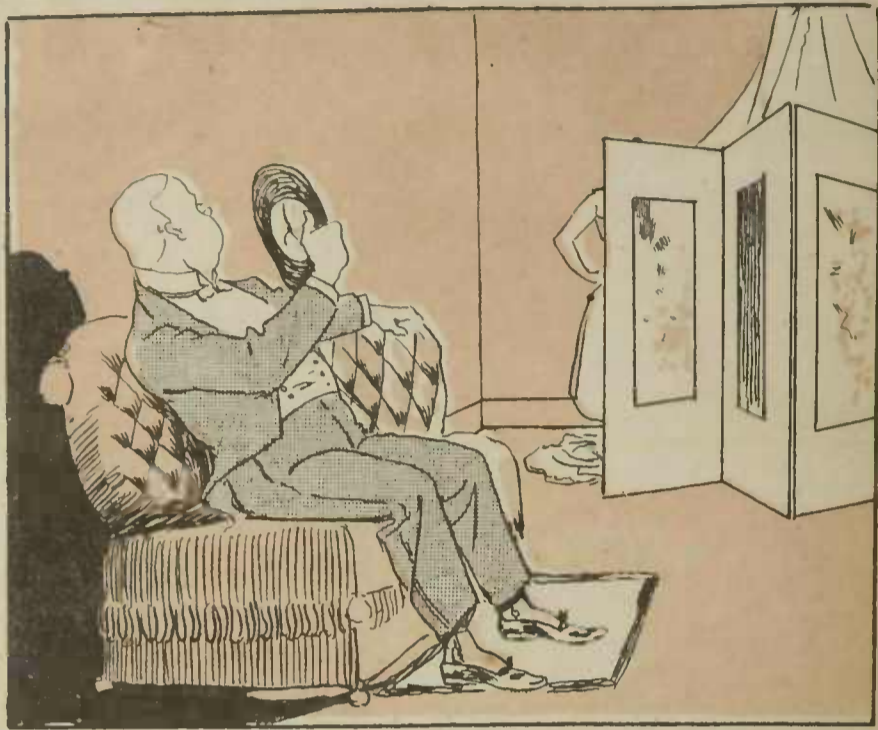


“ VINTE ANNOŞ DEPOIS ” — PERDÃO, VINTE E UM

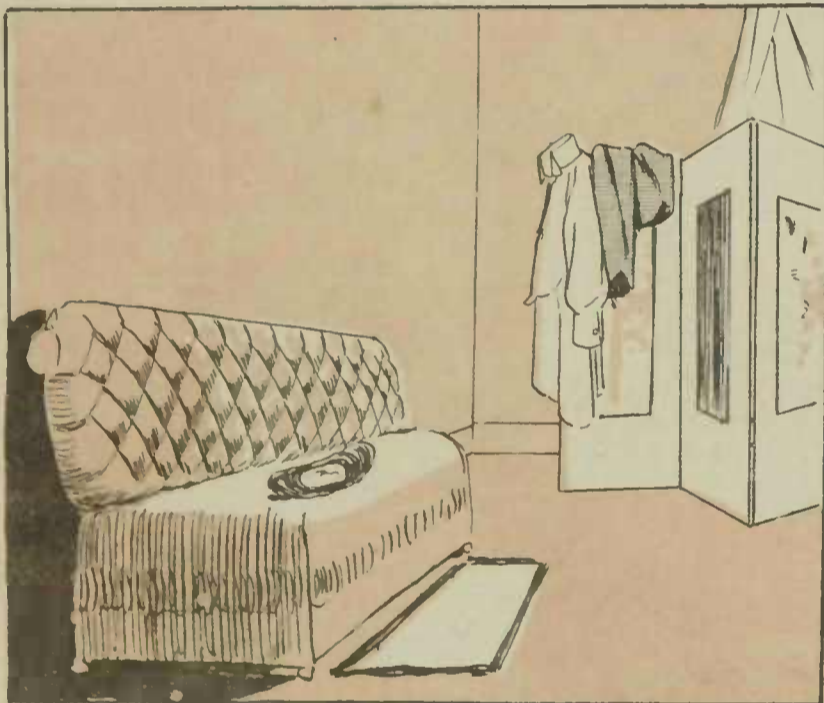
ROMANCE HISTORICO-PSYCHO-PHYSIOLOGICO-NATURALISTA EM SEIS CAPITULOS



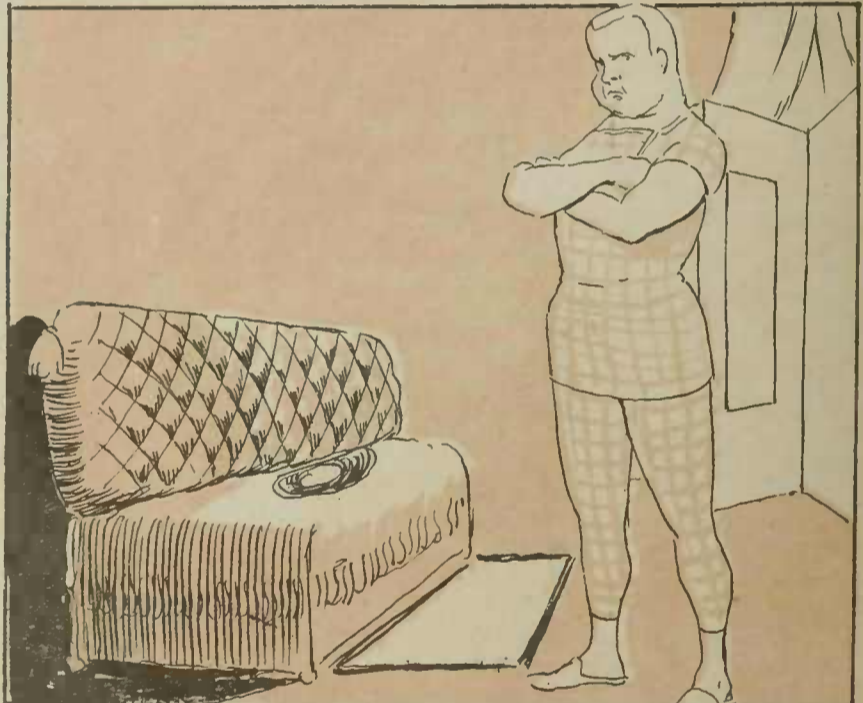
• Casamento de amor, de pura inclinação •



— Enfiu, seuls !



.... ().... ().... ()....?.... ()...!



— Quem disse que *querer é poder*, foi Napoleão, não fui eu !



Ella — Viver, que massada !
Elle — Viver, que entalação !



Vinte e um annos depois
Flôr de lorangeira para dois, se fazem favor !